

FONTE : Isto é

CLASS. : NA 662

DATA : 25 10 89

PG. : 56-62

ISTO É SENHOR

SOCIEDADE

Droga amazônica

A selva brasileira fornece ao Cartel de Medellín o epadu, um tipo de coca, e é rota de passagem para o tráfico mundial

POR FRANCISCO VIANA
E GRACIELA MAGNONI (fotos), de Tabatinga

Cabeça do Cachorro. Aqui, num paraíso ecológico que se desenha a partir de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, e se estende até a cidadezinha de Mitú, na fronteira da Colômbia com o Brasil – um espaço imenso e vazio que daria perfeitamente para abrigar três ou quatro Estados do Nordeste –, viceja a coca brasileira, o epadu. Cultivado há séculos pelos índios, o epadu é cada vez mais cobiçado pelos cartéis colombianos, como sucedâneo das folhas de coca peruana, cujos preços são severamente manipulados pelos guerrilheiros do Sendero Luminoso.

A pasta que sai da selva pelo rio Negro, para ser refinada nos laboratórios de Medellín, Cali e Bogotá, volta à Amazônia pelo rio Solimões, pelos entrepostos de Leticia e Tabatinga, com escalas em Manacapuru ou Tefé e Manaus, para daí ganhar os mercados do Rio ou São Paulo, Miami ou Berlim.

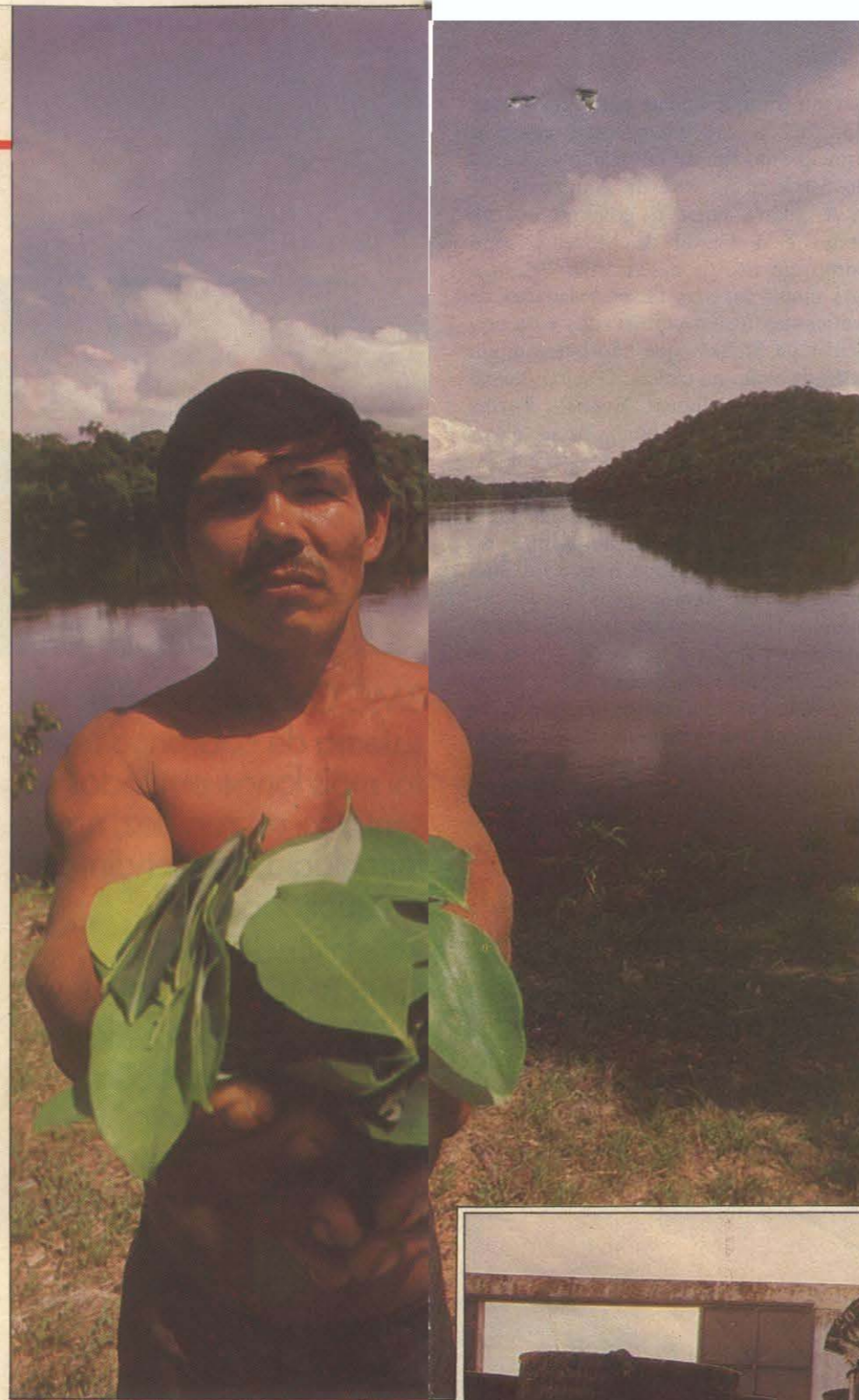
“A Amazônia é a nossa prioridade número um”, reconhece sem meias-palavras o delegado Paulo Gustavo de Magalhães Pinto, que comanda as operações de combate da Polícia Federal aos entorpecentes. Quando olha a partir das estatísticas, ele conclui que a região rapidamente ganha traços de uma fronteira de expansão dos negócios da máfia colombiana. As plantações de epadu, por exemplo, saltaram nos gráfi-

cos de erradicação de tímidas 151 plantações em 1987 para 402 plantações no ano passado. Só de éter e acetona se capturou este ano 22 mil litros, além de outros 20 mil litros de um similar desses dois ingredientes químicos, indispensáveis ao refino da coca. Isto sem falar nas apreensões da coca propriamente dita: as estatísticas, que até o ano pas-



sado não ultrapassavam a uma dezena de quilos capturados em toda a região amazônica, só numa batida em julho na cidade de Manaus rendeu 710 quilos da droga. Outras partidas de cinco, dez ou mais quilos foram encontradas em meio a barcos pesqueiros, toras de madeira e malas de traficantes.

As plantações de epadu entraram igualmente na rotina das descobertas. São o alvo específico de uma grande blitz para erradicação que a Polícia Federal desencadeou no início do mês na



Habilmente camuflada em tonéis de óleo de copaíba, destinados a uma firma de importação em Lisboa, a Polícia Federal encontrou, em Manaus, uma verdadeira montanha de cocaína, 710 quilos, acondicionados em pacotes de um quilo. O óleo era apenas uma tênue camada superficial. Num fundo falso estava a droga, envolta em plástico e espessas camadas de papel jornal. Lisboa seria apenas um ponto de passagem. Destino real: Berlim.

Foi uma operação planejada nos mínimos detalhes. Seus primeiros passos puderam ser rastreados dois meses antes, quando agentes da polícia alemã e portuguesa estouraram um depósito de coca em Lisboa. Apreenderam 211 quilos de coca e três personagens da conexão foram presas: o português Ilídio Duarte Ribeiro e os brasileiros Jorge Mota Graça e Edmar Gouveia. A partir deles se fechou o certo em torno de um traficante-chave na Amazônia: Francisco Siqueira Brilhante, despachante, falsário e estelionatário, que fugiu sem deixar pistas.

O episódio que viria a seguir aconteceu por mero acaso. O inspetor Francisco Manso, da Receita Federal em Manaus, notou que um navio de bandeira peruana transportava uma carga de 20 mil litros de produtos químicos de forma irregular. A mercadoria tinha sido despachada legalmente em São

In natura e processada

Cultivado pelos índios, sob encomenda dos matiosos, o epadu (à esq.) virou praga na Amazônia. A rota da droga está impressa nos barris apreendidos



Paulo pelo fabricante, a Boreto e Cardoso, mas o comprador, uma empresa de nome San Juan Comércio e Indústria, com sede no Peru, se esquecera de preencher corretamente as guias. Isto foi no sábado, 23 de setembro. Na segunda-feira, o navio partiu sem qualquer aviso. Manso pediu ajuda à Polícia Federal, o navio foi interceptado e voltou a Manaus. Composta de exano, derivado do éter, e memiltilcetano, derivado da acetona, a carga era suficiente para processar uma tonelada e meia de cocaína. Nenhum dos produtos consta da lista de ingredientes químicos com venda controlada. Mas ambos substituem perfeitamente o éter e a acetona na fabricação da cocaína.

Da experiência o delegado Cláudio da Rosa e Silva, que coordena a ação da Polícia Federal na Amazônia, tirou um par de valiosas lições. Primeiro, as facilidades da Zona Franca de Manaus estão sendo exploradas como fachada para o negócio da coca, sobretudo nas vendas para a Europa. Em seis meses, ele pretende chegar, pelo menos, a uma dezena de figurões do tráfico na região, numa cadeia que vai até Rondônia. Segundo, é imperativo pesquisar e controlar o leque de ingredientes alternativos ao éter e à acetona, hoje bastante visados no Brasil.

As novidades não terminam aí. Nos últimos dois anos todas as evidências apontavam numa mesma direção: a rota amazônica, tendo como epicentro o eixo Leticia-Tabatinga, na fronteira com a Colômbia, e como escalas estratégicas as cidades de Tefé e Manaus, estava condenada a ser riscada do mapa antes mesmo de ganhar força. A tendência seria transformar-se num simples ponto de passagem de mulas, pequenos traficantes que não levam mais que cinco ou dez quilos da droga. Razões para otimismo não faltavam. Em 87, acabou a guerra dos traficantes na fronteira, com sérias baixas para os cartéis de Cali e Medellín, e suas sucursais no lado brasileiro.

Não se via mais, diariamente, cadáveres boiando, crivados de balas, no rio Solimões, que antes era cenário de sangrento faroeste, com sicários contratados no Peru, cuja fronteira fica ao lado de Leticia e Tabatinga, caçando as vítimas de encomenda, de arma em punho. Também, na cidadezinha de Benjamin Constant, a 35 minutos pelo rio, a coca

deixou de ser moeda corrente e de ser vendida abertamente nas ruas, como se fosse uma mercadoria comum. O tráfico estava perdendo terreno para as madeiras e exportações de peixe para a Colômbia, estimadas em US\$ 2 milhões por ano. Leticia, por sua vez, se afirmava como importante ponto turístico, atraindo maciçamente os europeus. E Tabatinga, apesar de nada produzir, emitia nítidos sinais de que, aos poucos, poderia ir naturalmente tirando partido da abundância de dólares de Leticia, cidade da qual é separada apenas pela avenida da Amizade. Nada mais.

O ano de 88 transformou essa tendência numa quase convicção. A personagem mais importante da conexão, Mike Staliks, foi presa em Tampa, na Flórida, e condenada a 28 anos de prisão. Staliks, um grego naturalizado colombiano, dono de uma fortuna de centenas de milhões de dólares, era quem fazia a "lavagem" do dinheiro de Pablo Escobar, o chefe de Medellín, a partir



Evaristo Porras
Preso no Equador

AFP

nização de "lavagem" de dólares, com investimentos em agropecuária, oficinas de conserto de aviões, escritórios para importação e exportação, postos de gasolina e imóveis.

A carreira de Staliks terminou graças a uma infiltração bem-sucedida de agentes da DEA, a agência norte-americana de combate a drogas. Eles detectaram uma manobra de mestre: Staliks, que vendia frutas para a Flórida, embarcou a coca em toras de madeira num dos seus navios, o Skay, e, no meio da viagem, fez o transbordo para um outro navio, o Soutter Skay, e

passou tranqüilamente pelo Amazonas. Sua queda foi interpretada como o princípio do fim da influência do Cartel do Medellín na rota da Amazônia.

A guerra entre o governo colombiano e o Cartel de Medellín souou como um tiro de misericórdia. Pelo menos cinco dezenas de propriedades de traficantes foram confiscadas e os herdeiros de Staliks que não bateram em retirada estão na cadeia. O seu principal homem de confiança, Evaristo Porras Ardiles, por exemplo, acaba de ser preso no Equador. Assim, de fracasso em fracasso, a conexão da fronteira teria se fragmentado e perdido completamente a capacidade de articulação dentro do Brasil. Engano. O que houve foi uma mudança de personagens e de comando. Onde antes reinava o Cartel de Medellín passou a reinar o Cartel de Cali. Em lugar de Staliks agora quem responde pelos interesses dos barões de Medellín é um homem de aparência pacata que atende pelo nome de Henry Porras. Mas o poderoso chefe é um discreto cavalheiro do Cartel de Cali: o colombiano-alemão Maxolder Berger, de 42 anos.

A rota amazônica da coca está

sendo pacientemente pavimentada há cerca de uma década. Foi na virada dos anos 70 que as primeiras levas de índios cruzaram o Alto Rio Negro, a aproximadamente 900 quilômetros de Tabatinga, numa linha reta, e foram plantar ou colher epadu e coca nas fazendas de Mitu e Miraflores na Colômbia. Os Makus, índios semi-selvagens, de 1,50m, que

sempre viveram da caça e da pesca, trocaram os igarapés e os dardos embebidos de curaré, um veneno mortífero, pelo emprego fixo nas fazendas. Eles subiram o rio, avançaram duas centenas de quilômetros na Colômbia e voltaram carregados de rádios de pilha, gravadores, relógios, motores de popa e comida.

Os colombianos precisavam de braços para trabalhar na lavoura da coca e do epadu, planta sagrada que os Makus cultivam no Brasil e na Colômbia – a tribo vive dos dois lados da fronteira – para fabricar um alucinógeno usado, tradicionalmente, quando dançam o Juru-pari, a “dança do diabo”. Ou para aplacar a fome ou curar doenças, pragas que grassam com extrema violência na selva. Rapidamente, os Makus, por falarem com relativa desenvoltura o castelhano, o português e a chamada *língua geral*, versão simplificada do tupi-guarani, se tornaram mediadores entre os homens da máfia e índios de quase três dezenas de tribos que vivem no Alto Rio Negro.

“**N**ão era difícil aprender, nem ter estímulo para o trabalho”, lembra o índio tucano Crispiniano Vasconcelos, 60 anos, que com a ajuda dos quatro filhos, no alvorecer dos anos 80, colhia cinco arrobas de coca e epadu por dia, ao preço de US\$ 10 a arroba. “Os aviões vinham carregados de dólares e saíam carregados das folhas que a gente colhia”, ele lembra sem disfarçar o entusiasmo. E conta que, da noite para o ▶▶



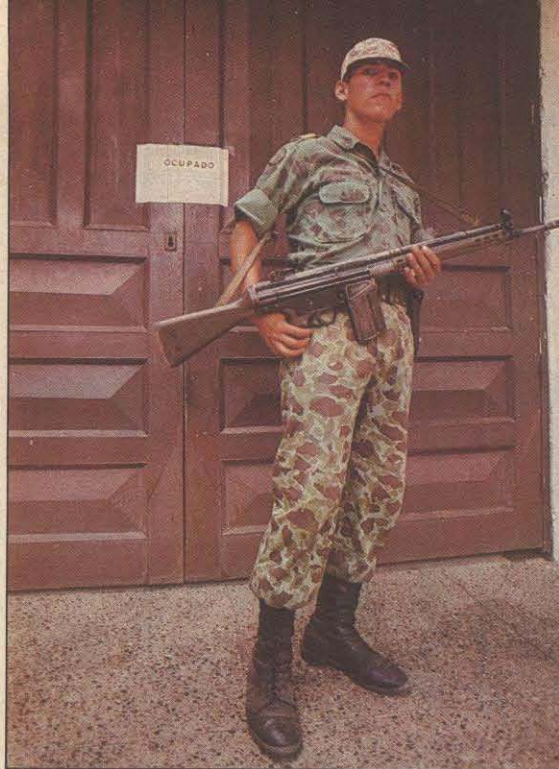
Baixas levas

Até agora a polícia brasileira só prendeu traficantes menores

dia, as plantações de epadu começaram a cobrir a floresta, escondidas entre as árvores de 30 a 40 metros, enquanto em cidadezinhas como Iauaretê, Parí-Cachoeira, Uapui, todas sitiadas pela selva e onde sequer se conhecia o dinheiro, os índios mudaram radicalmente de vida. Esqueceram as roças, deixaram de pescar e só pensavam em mandar buscar na Colômbia ou Manaus aparelhos eletrônicos e enlatados.

Esse estranho fenômeno foi detectado pela primeira vez em 82. Não parou mais. Nem a força das missões salesianas, que desde 1914 conquistam a confiança dos índios, conseguiu neutralizar o poder de sedução dos lucros da coca. E desestimular os índios a usarem de todos os recursos para plantar e vender epadu aos colombianos. O padre Norberto Hohenscherer, 53 anos, duas décadas nas missões, desabafa: "Os índios ficaram viciados. Passaram a trabalhar exclusivamente para os colombianos. Chegavam até a contratar aviões para despachar a colheita. A força do dinheiro foi mais forte. Os padres, que geralmente sabiam de tudo, passaram a desconhecer totalmente os bastidores dos negócios. Os que insistiam em mudar a cabeça dos índios, eram ameaçados de morte pelos traficantes."

Se no Alto Rio Negro as sementes do epadu brotaram na imensidão do vazio de uma fronteira de quase dois mil quilômetros de extensão com a Colômbia, onde qualquer esforço para barrar o tráfico da matéria-prima da coca ganha contornos de inutilidade plena, no Solimões o que irrigou e deu dinamismo ao comércio foi o terreno fértil da corrupção policial, aliada a uma colossal aptidão da Justiça local para transformar o texto da lei em letra morta. Nos últimos anos, a Justiça de Manaus registrou 298 processos por tráfico de drogas. Estranhamente não há sequer um solitário traficante atrás das grades. Algumas histórias exemplares. Em 1981, ao juntar os cacos de



Letícia

Casa lacrada de mafioso colombiano

um avião que caiu na selva, a Federal deu de cara com 600 sacos de cocaína literalmente vazios. Uma equipe de salvamento dos traficantes chegou mais cedo que os agentes, recolheu a droga, mas não teve tempo para apagar os rastros.

As investigações foram dar em José Augusto Basílio, o "Padeirinho". Ele é uma encarnação de muitas das características típicas da nova elite de mafiosos da região. Desde a sua inegável capacidade de fazer dinheiro com transações legais, em especial com vendas, até a sua maneira intransigente de guardar sigilo e confiar plenamente no poder da família. Padeirinho não ficou preso por falta de provas. Quatro anos de-



Sinal verde

O tráfico decola de pistas clandestinas

pois, no Rio, a Federal capturou na sua bagagem 70 quilos de coca. Foi julgado, condenado a 18 anos. A pena encolheu, em seguida, para seis anos e, no final, Padeirinho terminou absolvido. Hoje, ele vive na ponte aérea Manaus-Miami, é um próspero comerciante e dono de uma milionária coleção de imóveis.

No dia 27 de julho de 1988, a 12 quilômetros de Manaus, a Federal estourou um laboratório numa fazenda, a Vivenda do Pontal. Houve tiroteio. Um traficante morreu, com 14 tiros. Era o ex-policial Afonso Lopes Filho. O seu sócio, Deuzimar Costa Brasil, se rendeu. Com ele, a polícia encontrou 2,7 quilos de coca. Mas Deuzimar, que pertence a uma influente família de

desembargadores, está solto e, por inacreditável que pareça, está processando os agentes por abuso de poder.

A história de Hideraldo Costa, conhecido como "De Ouro", também é reveladora. Ele, que entrara para o circuito atacadista vendendo pacotinhos de coca em caixas de fósforo, ultimamente transava com algumas dezenas de quilos por mês. Mas tinha contra si o estigma de péssimo pagador. Morreu em 19 de setembro, uma terça-feira, abatido a tiros, no centro de Manaus, aos olhos da multidão. Histórias de impunidades ou de *vendettas* se repetem à exaustão. O procurador Aguiuello Balbi, o homem que briga para reformar a Justiça no Amazonas, vê os nomes dos traficantes desfilarem um após outro no visor do computador e não se contém: "Entre nós, o tráfico de influência é uma instituição fortíssima. Isso precisa acabar. Caso contrário, ninguém vai conseguir frear o poder dos traficantes e nós vamos ser uma extensão da Colômbia." Exagero?

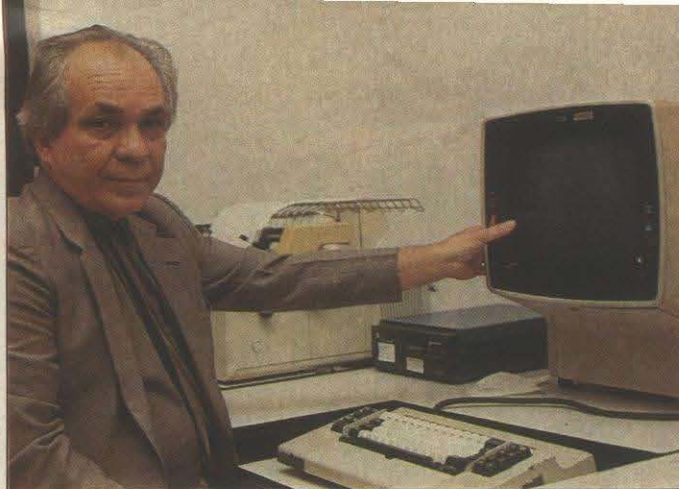
Claro que não. A advertência de Balbi é de um realismo implacável. Há estimativas da Federal de que algo como 500 quilos de coca circulam todos os meses, rumo ao Rio e São Paulo pelo Amazonas e seus afluentes. Ou por algum dos 400 aeroportos clandestinos que os traficantes abriram na região. Uma das bases já identificadas fica co-▶▶

lada na fronteira com o Peru. É um aeroporto que a Petrobrás abriu no Alto Javari, há quatro anos, quando fazia sondagens e abandonou. A polícia quer destruí-lo, mas encahou na malha burocrática. O aeroporto é uma espécie de plataforma de lançamento da droga que sai da Amazônia colombiana para o Brasil.

Nas facilidades de dar passagem à coca pelas rotas desguarnecidas do rio ou pelos aeroportos clandestinos é que a Federal encontra explicações, por exemplo, para a súbita ascensão de um traficante como "Cy" (Darcy da Silva Filho, 37 anos). Ele movimentava mais de US\$ 2 milhões em coca por mês nos morros do Rio. Segundo a polícia, Cy percebeu o filão do Amazonas e se lançou a explorá-lo, cumprindo à risca os itens básicos para o êxito das operações: pontualidade no pagamento *cash* e a encomenda de grandes volumes. Cy está preso desde 13 de setembro. Foi talvez a ponta mais visível e vulnerável da conexão a cair.

Outras quedas virão. Mas a guerra está apenas começando. Do lado brasileiro, há múltiplas armadilhas que se fecham inexoravelmente sobre a polícia. A começar pela falta de uma estrutura eficiente para combater a droga. No Amazonas, a Federal necessitaria, no mínimo, de mais 80 homens, de umas 60 voadeiras – pequenos barcos com motor de popa que se deslocam a alta velocidade – e de uns quatro ou cinco helicópteros. Está em marcha o projeto de três delegacias flutuantes, com 60 homens cada uma, que se revezariam em pontos estratégicos do rio, com a missão de barrar a droga e os carregamentos de éter e acetona que vêm da Europa, via Suriname para a Colômbia. Esses barcos-delegacias, equipados com o que há de mais moderno em matéria de comunicações, não estarão na ativa antes de 1991.

Outro ponto vulnerável é a falta de pessoal especializado. Os salários estão duramente comprimidos e a contratação de pessoal praticamente congelada. Resultado: quando se cobre uma frente estratégica, se deixa outra descoberta. Não é difícil imaginar o que acontece nos flancos desguarnecidos. Os trafi-

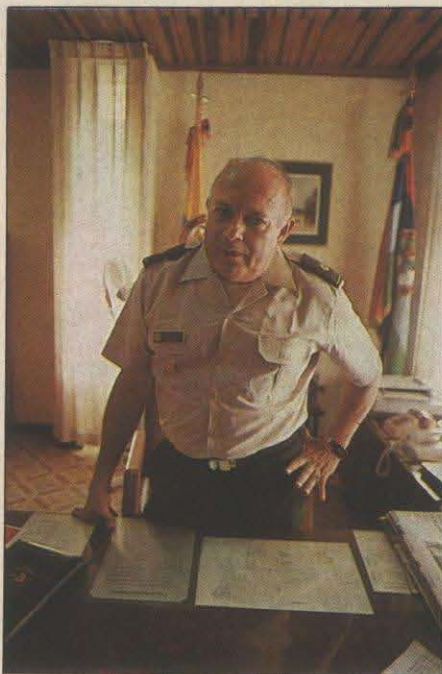


Aguinaldo Balbi

Podemos virar quintal da Colômbia

cantes dispõem, e a Federal sabe, de um serviço de inteligência capaz de refazer rotas e emitir avisos de emergência com extrema rapidez. Esse trunfo, mais o hermetismo da organização, onde as cadeias de responsabilidades nunca ultrapassam a três personagens, funciona como um antídoto contra baixas de peso.

No outro extremo da fronteira, o quadro não é menos complexo. Em Leticia, uma cidade sem miséria nem fome, ninguém ousa mencionar a mais leve recriminação aos traficantes. Foram eles que ergueram a cidade, de onde só se entra ou sai por avião ou barco, e cuidaram de repará-la para ser um pólo turístico de relevo. Quem passeia pelas ruas de Leticia fica com a nítida impressão de que Medellín, Cali e Bogotá pertencem a outro país. Não há



General Araujo

Reprimir é desperdiçar munição

o mínimo indicio de que ali a máfia colombiana plantou uma poderosa cabeça-de-ponte para alcançar os mercados do Brasil e da Europa. Nem mesmo os guardas armados com metralhadora na porta das casas de mafiosos interditas pelo governo contribuem para transmitir uma imagem de intranquilidade. Eles parecem estar mais é fazendo parte de algum exercício de rotina. Não demonstram o mínimo medo. Desde que a guerra

explodiu, não se registrou nenhum atentado em Leticia.

Mas a tranquilidade não passa das aparências. A máfia está mobilizada e ninguém, nem mesmo o Exército, se dispõe a enfrentá-la. "Essa é uma guerra política", diagnostica um dos porta-vozes dos mafiosos, o ex-motorista de táxi Homero Benjumeia, 28 anos. Ele não retrocedeu justamente porque é uma peça menor no jogo. Basta se medir o valor do seu patrimônio: a bagatela de US\$ 1,5 milhão, reunida em cinco anos.

Realmente, a máfia é tratada na fronteira como uma questão política. O Exército colombiano ocupou Leticia, mas a ostensividade dos pelotões em armas é anulada pela tática da inércia. Ninguém é preso, ninguém é fustigado. Há um equilíbrio, uma convivência pacífica que ninguém quer pôr em xeque. A lógica do Comando Militar do Sul da Colômbia é fácil de entender. O brigadeiro-general Francisco Rodrigues de Araujo, um militar que há oito meses trocou um posto diplomático em Washington pelo comando das tropas na fronteira, é taxativo: "Não adianta lutar se o verdadeiro inimigo não for combatido fora das nossas fronteiras. A produção de coca explodiu porque existe mercado. Se o mercado morre, não há para quem vender e a coca perde o interesse. Caso contrário, é desperdiçar munição." Em outras palavras, não adianta ter ilusões: a guerra da coca na Amazônia não será travada na selva. Mas nos pontos-chaves da conexão brasileira, que pode ser o Rio, São Paulo, Espírito Santo ou o aeroporto do Recife, no Nordeste. E, sobretudo, nos mercados dos EUA e da Alemanha, que são os que compram e pagam a peso de ouro pela coca exportada da selva.